

# OS FLUXOS, AS RELAÇÕES E OS AGENTES ENVOLVIDOS NA PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DO CAFÉ PRODUZIDO ATUALMENTE NO BRASIL

THE FLOWS, RELATIONSHIPS AND AGENTS INVOLVED  
IN THE PRODUCTION AND COMMERCIALIZATION OF COFFEE  
NOWADAYS PRODUCED IN BRAZIL

LOS FLUJOS, LAS RELACIONES Y LOS AGENTES QUE  
INTERVIENEN EN LA PRODUCCIÓN Y COMERCIALIZACIÓN  
DEL CAFÉ PRODUCIDO ACTUALMENTE EN BRASIL

**Amanda Duarte Mergulhão**

*Economista pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Doutora com pós-doutorado em Geografia Humana na Universidade de São Paulo (USP). Desde 2002 atua no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), atualmente no setor de Contas Nacionais do Brasil. IBGE. Avenida República do Chile, 500. 6º andar. Centro. Rio de Janeiro-RJ. CEP: 20031-170. E.mail: amandrj@bol.com.br*

## RESUMO

A cultura secular da produção de café tem papel de destaque nas exportações brasileiras. As negociações dos preços nos mercados internacionais influenciam na escolha dos tipos de café a serem plantados, na possibilidade de ampliar ou não a industrialização do café verde para venda no mercado doméstico, na contratação de mão-de-obra para trabalhar nas plantações e na quantidade de estoques do grão. Atualmente, o consumo do café está em crescimento, mas a indústria decide a quantidade a ser produzida de acordo com os preços estimados e a quantidade do produto já disponível. Dentre as empresas torrefadoras se destacam grandes grupos econômicos, enquanto cooperativas, pequenos e médios produtores tem participação marcante na produção do café em grão nacional. Estudar estas e demais características presentes nas relações entre os agentes que participam do circuito espacial de produção do café são objetivos deste trabalho que é enriquecido com dados provenientes de diversas fontes oficiais.

**Palavras-chave:** circuito espacial de produção, café em grão, exportação, indústria, agricultura

## ABSTRACT

The secular culture of coffee plantation has a prominent role in Brazilian exports. The price negotiations in the international markets influence the choice of coffee types which will be planted, the possibility of expanding or not the industrialization of green coffee for sale in the domestic market, the hiring of labor to work in the plantations and the quantity of grain stocks. Currently, coffee consumption is growing, but the industry decides the production accordingly to the estimated prices and the quantity of available product. Among the roasting companies stand out large economic groups, while cooperatives, small and medium producers have a significant participation in the production of national coffee beans. Studying these and other characteristics present in the relations between the agents who participate in the spatial circuit of production of coffee are the objectives of this work which is enriched with data coming from several official sources.

Key words: spatial circuit of production, coffee beans, exportation, industry, agriculture

---

## RESUMÉN

La cultura secular de la producción de café ocupa un papel importante en las exportaciones brasileñas. Las negociaciones de precios en los mercados internacionales influyen en la elección de los tipos de café que se plantarán, en la posibilidad de ampliar o no la industrialización de café verde para la venta en el mercado doméstico, en la contratación de la mano de obra para trabajar en las plantaciones y en la cantidad de las reservas de granos. En la actualidad, el consumo de café está en crecimiento, pero la industria aumenta la producción de acuerdo con las estimaciones de precios y la cantidad de producto disponible. Entre las compañías tostadoras se destacan los grandes grupos económicos, encuancto las cooperativas, pequeños y medianos productores tienen una participación significativa en la producción del café en granos nacional. El estudio de estas y otras características presentes en las relaciones entre los organismos implicados en los circuitos espaciales de producción del cafe son los objetivos de este trabajo que es enriquecido con datos de diversas fuentes oficiales.

Palabras **clave**: circuitos espaciales de producción, granos de café, exportación, industria, agricultura

---

## INTRODUÇÃO

A produção de café no Brasil é centenária, sua colheita ainda é predominantemente manual, mas o circuito espacial de produção evolui acompanhando tendências de crescente internacionalização. Hoje, como diversos ramos da economia, possui agentes que detem o poder de decisão residindo em locais distintos daqueles onde as ordens são executadas. Os preços pagos ao café brasileiro são determinados nos mercados internacionais, principalmente na Bolsa de Valores de Nova Iorque. As negociações dos preços a serem pagos no futuro acabam por influir no mercado de trabalho (quantidade de pessoas ocupadas, salários, forma de contratação que garanta maior rentabilidade), na decisão dos locais de cultivo e tipos de café, na possibilidade de ampliar ou não a industrialização do café verde para o mercado interno, e, principalmente, na quantidade do grão para venda externa. Neste contexto, há diversas relações entre os agentes e fluxos envolvidos, são movimentos dinâmicos com características territoriais que podem ser exploradas.

A proposta é fazer um estudo que contemple os métodos dedutivo e indutivo num processo dialético no qual a teoria serve de ponto de partida para o trabalho empírico assim como feito por Santos ao tratar a Economia Espacial [(1979) (2007)]. O estudo é espacial uma vez que admite a sociedade como agente transformador da natureza e do território. Isso é feito quando é analisado detalhadamente todo o processo de produção destinado ao aumento da riqueza, e não apenas para prover a subsistência humana, sendo garantido quando se acompanha a origem da tomada de decisões, que pode ocorrer em um local do território diferente da área definida para que a produção aconteça e seus impactos em locais geográficos específicos.

Desta forma, pode se verificar que a economia se realiza no espaço e não pode ser entendida fora dele. A intensão é explorar como os agentes econômicos interagem no circuito espacial de produção do café, estudando as diversas etapas pelas quais passam o grão, desde as plantações até a comercialização do produto final, ou seja, os circuitos espaciais da produção definidos por Milton Santos [1988](2008). O autor sugere a observação dos fatores da dinâmica econômica como matéria-prima, mão de obra, estocagem, transporte, comercialização, consumo. Participam deste processo empresas de diversos tamanhos que se articulam impactando diferentes frações do território através de fluxos de capital, dinheiro, mercadorias. Esses fluxos são materializados sob a forma da circulação (ARROYO, 2008).

Neste trabalho a análise se inicia justamente com as decisões preliminares que vão influir em todas as etapas do processo produtivo, ou seja, aquelas provenientes de negociações no mercado internacional. Sendo grande parte da produção destinada à venda do grão no



mercado externo, convém demonstrar primeiramente a importância deste mercado. Por isso, são abordadas questões como produção demandada pelo consumidores externos e oferta brasileira dos grãos.

Posteriormente, dá-se destaque para o consumo brasileiro, a produção industrial nacional e suas relações com o cultivo do grão. Atualmente, o consumo do café está em franco crescimento, mas a indústria intensifica a produção de acordo com os preços etimados e quantidade de estoques do café em grão. No que diz respeito aos agentes envolvidos, destaca-se a tendência de crescimento das grandes *join ventures* dentre as empresas torrefadoras ainda que cooperativas, pequenos e médios produtores tenham participação marcante na produção do café nacional.

### **A INTERNACIONALIZAÇÃO DO CIRCUITO ESPACIAL DE PRODUÇÃO SEGUNDO AS DIFERENTES LOCALIZAÇÕES DOS AGENTES QUE DETÉM O PODER DE DECISÃO**

As decisões de cultivo, produção e comercialização são determinadas por poucos agentes localizados dentro e fora do Brasil. A demanda externa pela comercialização dos grãos verdes impacta diretamente na formação dos preços internacionais, normalmente negociados na Bolsa de Valores de Nova Iorque e nacionais, muito negociados na Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F), ambos variam conforme a qualidade dos grãos (o que também é possível de ser identificado graças a sua origem geográfica), produção de outros países com expressiva participação no mercado internacional (como Colômbia e Vietnã) e pelo comportamento do consumo.

São justamente as negociações no mercado que impulsionam o funcionamento do circuito espacial de produção do café. Os preços de compra e venda dos grãos são previamente decididos e assim influem nas decisões de expansão ou continuidade da área destinada ao cultivo, um clássico exemplo de circuitos fortemente extrovertidos, isto é, vinculados ao mercado externo. Estes círculos são opostos aos ciclos que começam e terminam num único sub-espço, que vai desde a produção até o consumo no mesmo distrito de uma cidade como explica Arroyo (2008), ou ainda de ciclos um pouco mais abrangentes que esses como o do café torrado e moído, basicamente restrito a produção e consumo nacional.

Os dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) mostram que o café em grão contribui com aproximadamente 3% do Valor da Produção das exportações brasileiras fenômeno que, quando oscilou, foi resultado de problemas climáticos que interferiram na quantidade colhida, prioridade de venda dos estoques ou ainda queda nos preços internacionais. O café torrado mantém sua característica de produto voltado para a produção interna, com ínfima exportação enquanto que o café solúvel, que detem entre

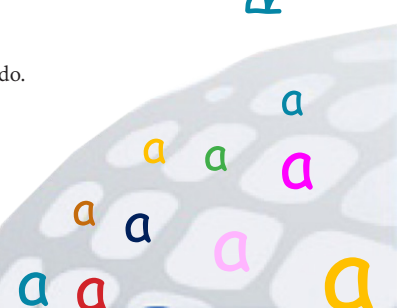
80% e 90% da produção voltada para o mercado externo, segue confirmando a posição do país de líder nas produções e exportações mundiais deste produto.

O CONSELHO DOS EXPORTADORES DE CAFÉ DO BRASIL - CeCafé, assim como o MDIC, disponibiliza as informações de café exportado em valores (US\$ FOB) e em volume. O diferencial é detalhar as informações das vendas externa por tipo de grão de café verde<sup>1</sup>, arábica ou robusta. Assim, é possível verificar que o café do tipo Arábica predomina nas exportações de café, mas sua contribuição nem sempre é estável ao longo do tempo. Nos últimos anos, o crescimento do volume das exportações do café em grão ocorreu impulsionados pelo café do tipo conilon cujo aumento anual chegou a 21% em 2015, fenômeno que não pode ser considerado uma tendência haja visto que os dados mostram oscilação ao longo das últimas décadas. Segundo a ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE CAFÉ – ABIC, Finlândia, Noruega e Dinamarca são os países com maior consumo per capita de café, aproximadamente 13kg/h/ano, seguido da Alemanha com 5,9kg/h/ano, Itália 5,6kg/hab/ano e França 5kg/hab/ano.

Países como Canadá são grandes compradores do grão do café no mercado internacional, porém se destacam mais como revendedor desta mercadoria. Vários países que não plantam café compram a matéria-prima brasileira e industrializam o produto, competindo com o Brasil pela participação em seus mercados interno e externo. Como exemplo, pode-se citar a re-exportação de café torrado e moído dos Países Baixos para a Finlândia e da Finlândia para a Rússia e países bálticos (ABIC, 2007).

Países da União Europeia, como Alemanha, e os EUA também adotam esta prática, mesmo que ambos estejam entre os maiores consumidores mundiais. A participação dos lugares no comércio internacional e nas mais diversas relações do circuito espacial de produção do café faz com que estes lugares especificados na Tabela 1 se tornem mundiais (USDA, 2014).

<sup>1</sup> O termo café verde utilizado por muitos autores se refere ao fruto do cafeeiro, despulpado, seco e descascado.



**Tabela 1**-Ranking mundial de países produtores, exportadores, importadores e consumidores de café da safra 2015/2016

Ranking mundial de países produtores de café	%	Ranking mundial de países exportadores de café	%	Ranking mundial de países importadores de café	%	Ranking mundial de países consumidores de café	%
Brasil <sup>1</sup>	32,9	Brasil <sup>1</sup>	26,6	União Européia	38,8	União Européia	29,6
Vietnã <sup>2</sup>	19,5	Vietnã <sup>2</sup>	23,0	EUA	20,9	EUA	16,2
Colômbia <sup>3</sup>	8,9	Colômbia <sup>3</sup>	9,8	Japão	6,8	Brasil	13,7
Indonésia	7,1	Indonésia	6,5	Canadá	4,1	Japão	5,5
Etiópia	4,3	Honduras	4,5	Filipinas	3,5	Canadá	3,2
Honduras	3,9	Etiópia	2,8	Rússia	3,5	Rússia	2,7
Outros	23,4	Outros	26,8	Outros	22,4	Outros	29,1
<b>TOTAL</b>	<b>100</b>	<b>TOTAL</b>	<b>100</b>	<b>TOTAL</b>	<b>100</b>	<b>TOTAL</b>	<b>100</b>

**Fonte:** *Elaboração própria com base nos dados do United States Department of Agriculture (USDA) publicados pelo Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos do Bradesco*

Dentre os países da União Européia, os destaques são para Alemanha, Itália e França. Em agosto de 2016, os dez principais países importadores de café do Brasil foram: EUA (3,484 milhões de sacas), Alemanha (3,404 milhões de sacas), Japão (1,453 milhão de sacas), Itália (1,398 milhão de sacas), Rússia (510 mil sacas), Canadá (453 mil sacas), França (404 mil sacas), Turquia (398 mil sacas), Espanha (361 mil sacas) e Suécia (386 mil sacas) segundo o Informe Estatístico do Café.

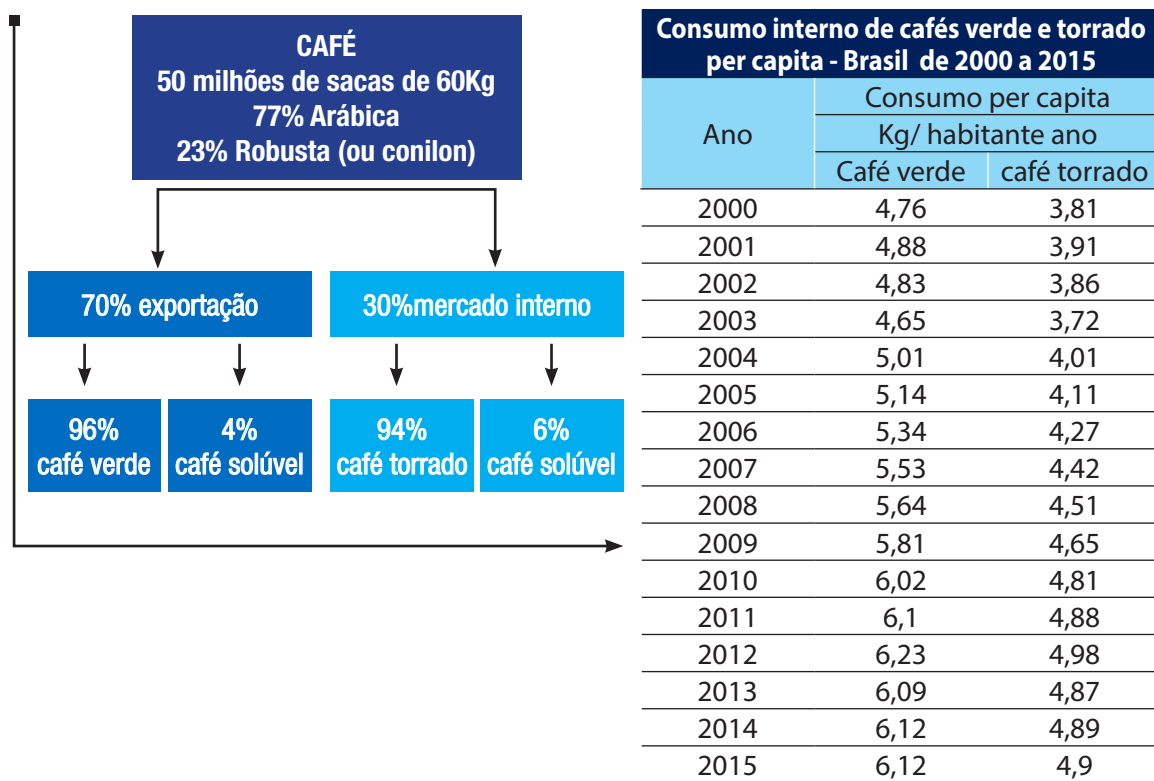
Em 2008, a Cooperativa mineira COOPERATIVA REGIONAL DE CAFEICULTORES EM GUAXUPÉ LTDA - COOXUPÉ, a maior do mundo, superou a tradicional exportadora UNIÃO EXPORTADORA DE CAFÉ – UNICAFÉ, empresa que se manteve líder das exportações brasileiras de café durante 18 anos. A adesão da Cooxupé ao Prêmio Equalizador Pago ao Produtor (PEPRO), um programa federal que garante preço mínimo ao produtor quando as cotações do grão estão abaixo do custo, e os créditos de PIS/Cofins na exportação podem ter contribuído para este resultado.

As exportações de café em grão e solúvel foram recordes em 2011 sendo o café do tipo conilon, o de menor qualidade, o principal responsável por este resultado. O café em grão atingiu novo recorde na safra 2014/2015 com preços bem elevados, novamente com participação expressiva do café do tipo conilon segundo a ABIC. Nos últimos dez meses de 2014, há crescimento de 20,4% na receita com as exportações do grão e de 15,4% no volume exportado segundo a CeCafé. Por outro lado, as importações de café torrado e moído aumentaram mais de 15 vezes desde 2002, atingindo 48,5 mil sacas em 2014. Neste ano, o país importou 440 milhões de cápsulas de café, o que representou aumento de 50% em relação às importações de 2013 segundo o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. A reposição dos estoques dos países importadores, 11,9 milhões de sacas, valor

acima dos 11,5 milhões de sacas de anos anteriores segundo a Organização Internacional do Café (OIC), marca a cafeicultura mundial em 2015.

No Brasil, a Cooperativa Regional de Cafeicultores em Guaxupé (Cooxupé), no sul de Minas, atinge a liderança nas exportações de café arábica com vendas externas superiores a 4,5 milhões de sacas de 60 kg. Em 2014, o volume de café embarcado pela Cooxupé foi de 3,9 milhões de sacas. A Cooxupé, localizada no município de Guaxupé/MG, é um agente transformador do território à medida que contribui para o desenvolvimento econômico e intensifica as relações entre o campo e a cidade no atual período técnico-científico informacional. Insere-se, portanto, na organização de redes técnico-informacional que leva a uma profusão de verticalidades no território. No circuito espacial de produção do café não há espaço para as relações restritas às instituições presentes numa área contígua (o que caracteriza as horizontalidades), as relações ocorrem entre agentes que se localizam em pontos distantes, englobando diversos países, fato possível em função dos crescentes avanços das telecomunicações (ROLLO & KAHIL, 2009).

As exportações brasileiras são diluídas ao longo do ano, mas com maior concentração no segundo semestre, sendo que nos últimos 20 anos nos meses de outubro e novembro foram feitas aproximadamente 20% das vendas. A parcela menor da produção que oscila ao redor de 30% ao longo dos anos destina-se ao consumo nacional sob a forma de café torrado e moído (Figura 1).

**Figura 1** – Principais destinos da produção do café brasileiro - safra 2015/2016

**Fonte:** Departamento de Pesquisa e Estudos Econômicos do Bradesco 2016 e ABIC (2016)

O crescimento populacional garantiu a demanda crescente por café torrado e moído no Brasil, mesmo nos anos com queda no consumo per capita. Este fato pode ser constatado utilizando os dados de crescimento populacional da faixa etária de potencial consumidor do produto em conjunto com os dados de consumo per capita da ABIC (Tabela 2).

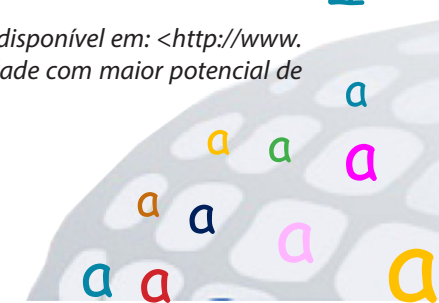


**Tabela 2** - Produção, consumo, exportação e estoques de cafés no Brasil de 2005 a 2012 (em t)

	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Produção café em grão								
Dados CONAB	1.976.640	2.550.720	2.164.260	2.759.524	2.368.195	2.885.700	2.609.100	3.049.560
Arábica	1.429.080	1.980.900	1.505.750	2.129.012	1.731.930	2.209.440	1.931.340	2.300.640
Robusta	547.560	569.820	658.510	630.512	636.265	676.260	677.760	748.920
Dados PAM	2.140.169	2.573.368	2.249.011	2.796.927	2.440.056	2.907.265	2.700.540	3.037.534
Produção industrial								
Café não torrado, descafeinado	29.566	66.303	37.581	24.947	20.101	36.876	60.232	48.247
Café torrado e/ou moído, inclusive descafeinado	448.653	486.350	488.705	506.424	581.469	548.261	529.142	529.522
Café solúvel, inclusive descafeinado	95.228	91.792	97.700	96.013	84.241	98.708	117.579	97.937
Extratos, essências e preparações a base de café	3.604.048	3.975.756	4.334.360	4.325.061	5.685.973	7.467.122	7.046.405	7.553.254
Consumo								
Café torrado*	437.544	460.961	470.050	494.279	514.642	530.313	542.633	558.264
Exportação								
0301 Café cru em grão	1.351.824	1.475.528	1.488.166	1.566.860	1.639.270	1.790.967	1.791.132	1.503.707
Participação do Café Arábica (%)	95,1	94,4	94,3	92,0	95,9	96,1	91,2	95,4
Participação do Café Conilon (%)	4,9	5,6	5,7	8,0	4,1	3,9	8,8	4,6
0302 Café solúvel	77.055	67.843	71.481	74.732	64.799	77.156	80.076	79.968
0303 Café torrado	4.162	5.392	5.505	6.658	5.419	4.264	3.596	2.230
Estimativa de estocagem por ano								
Café torrado e/ou moído*	6.946	19.997	13.150	5.487	61.407	13.684	(17.087)	(30.972)
Estoque disponível								
Privado + Nacional	925.020	711.300	1.108.200	792.120	945.960	665.880	680.400	603.780
Privado								
Arábica	652.320	556.680	1.006.860	689.400	840.300	494.700	493.980	463.320
Robusta	70.320	26.760	48.180	60.780	39.060	41.940	60.300	41.580

**Fontes:** Pesquisas do IBGE: PIA, PAM, CONAB e MDIC (Disponível em <[http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=5&menu=5294.Comercio Exterior/Estatísticas de Comércio Exterior/Balança Comercial Brasileira:Unidades da Federação/Arquivo BRASIL\\_PPEXP\\_201512.xls](http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=5&menu=5294.Comercio%20Exterior/Estatisticas%20de%20Comercio%20Exterior/Balanga%20Comercial%20Brasileira:Unidades%20da%20Federa%C3%A7%C3%A3o/Arquivo%20BRASIL_PPEXP_201512.xls)>. Acesso em julho de 2016).

**Nota:** \*Estimativa de consumo elaborado pela autora com base em pesquisas que apontam que 85% dos paulistanos bebem café (Informações do IEA, disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/lenoticia.php?id=88537>>) e utilizando dados do IBGE que estimam 32% da população acima de 19 anos, portanto em idade com maior potencial de consumo do produto).

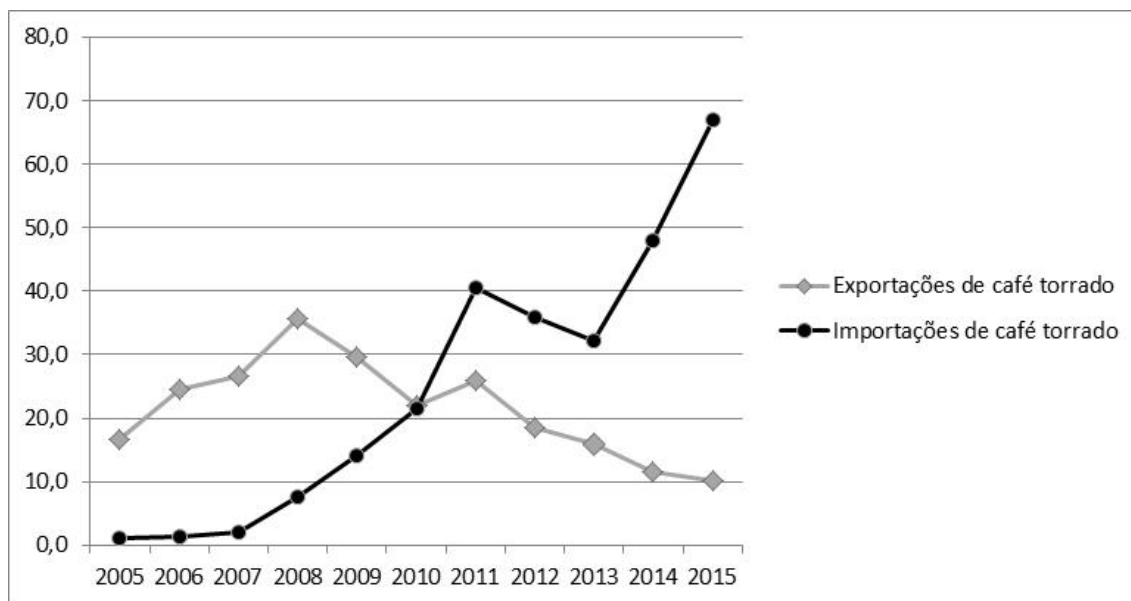


Além do fato da produção nacional ser suficiente para atender a demanda interna, evita-se a importação do café em grão no Brasil sob a alegação de risco de introdução de pragas no país. Empresas como a Nestlé recorrem ao governo brasileiro para autorizar a importação de café verde para compor um percentual de seus *blends*, fato que ganhou destaque desde os estudos iniciais para se montar uma fábrica de café em cápsulas em Montes Claros/MG.

Parte dos produtores não é favorável à importação de grãos porque a legislação trabalhista brasileira é mais rigorosa em comparação a outros países o que torna o custo de produção do grão no Brasil mais alto. No caso do café *conilon* produzido predominantemente no estado do Espírito Santo, o trabalhador não custa menos de R\$ 60 por dia na época da colheita, enquanto que no Vietnã eles custam US\$ 4 segundo vice-presidente da Cooperativa Agrária dos Cafeicultores de São Gabriel – Cooabriel.

Brasil, Vietnã, Costa Rica e Colômbia possuem a maior produtividade média na lavoura, em torno de 1 a 1,4 toneladas por hectare. A produtividade do café arábica brasileiro é bem maior, por isso há produtores que defendem a proibição apenas da compra do café conilon, este é o caso dos industriais que importam café verde para compor os *blends* de cápsulas fabricadas no mercado brasileiro. Neste contexto, o livre comércio favoreceria as operações de *drawback*, ou seja, a importação de matéria-prima para posterior exportação de produto com maior valor agregado enquanto que a importação do produto já torrado e moído traz aumento da concorrência ao produto nacional e redução da possibilidade de se gerar mais valor à indústria cafeeira e empregos no país. Segundo estatísticas do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), de janeiro a novembro, o Brasil importou US\$ 44,1 milhões de café torrado. As exportações da categoria no mesmo período foram de US\$ 11,2 milhões. Um saldo negativo de quase US\$ 33 milhões na balança comercial. Desde 2010, as importações do café torrado superam as exportações (Figura 2).

**Figura 2** – Exportações e importações de café torrado em US\$ milhões – Brasil de 2005 a 2015



**Fonte:** Ministério da Indústria e Comércio Exterior - MDIC.

**Disponível em:** <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/vaivem/2016/01/1728836-brasil-perde-espaco-nas-exportacoes-de-cafe-torrado.shtml>>

A maior parte da produção de café solúvel no Brasil se destina a exportação. No mercado externo, a concorrência do produto brasileiro é desigual porque a principal matéria prima, o café conilon, é mais caro no Brasil que em outros países e os concorrentes estrangeiros, aproximadamente 32 dos 48 países que produzem café solúvel importam a matéria prima de outros locais com preços mais acessíveis.

O consumo brasileiro de café é mais expressivo na modalidade café torrado e moído. Segundo pesquisa divulgada em 2007 pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA), vinculado à Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento, 85% dos paulistanos tomam café e 65% o fazem fora de casa, em bares, restaurantes e no trabalho<sup>2</sup>, informações importantes para destacar que o consumo não é apenas familiar. Outros estudos mostram que o consumo de café fora de casa cresceu 307%, passando de 14% em 2003 para 57% em 2010. Além dos bares, restaurantes e demais empreendimentos do serviço de alimentação, a bebida é consumida em padarias, ou seja, em locais do comércio varejista, ou ainda em instituições públicas e empresas.

<sup>2</sup> Segundo o IEA, a pesquisa foi feita com 1,1 mil pessoas entre julho e setembro de 2006, usando a mesma metodologia adotada pelo IBGE em trabalhos semelhantes.

Dados da ABIC para o ano de 2010 no Brasil mostram que 25% dos consumidores de café expresso e coado o consumiram em padarias, um dos principais pontos do comércio varejista que comercializam este produto. Essa informação nível Brasil pode servir de parâmetro para se inferir sobre quanto do consumo de café ocorre fora de casa, o que é confirmado por uma pesquisa realizada mais recentemente que estima ser de 1/3 do consumo total do café em 2015. O segmento de cafés finos e diferenciados apresentou taxas de crescimento entre 15% e 20% ao ano e os cafés em cápsulas tiveram crescimento das vendas de R\$24,5 milhões em 2008 para R\$206,4 milhões em 2012. Dois anos depois, apurou-se que 0,6% do consumo do café foi em cápsulas no Brasil.

Afora as exportações e o consumo fora de casa, o café beneficiado também é utilizado pelas indústrias alimentícias para fabricação de bolos, doces e biscoitos a base de café. O restante destina-se ao consumo familiar e a formação de estoques conforme apresentado na Tabela 2.

### TRANSFORMAÇÕES RECENTES NA INDÚSTRIA CAFEIEIRA NO BRASIL

O consumo do café é um hábito comum em todo o território, portanto em pontos próximos e distantes das indústrias que selecionam e torram os grãos. No caso brasileiro, poucas empresas dominam a produção nacional. Os dez maiores torrefadores representam aproximadamente 75% do mercado local, sendo as cinquenta maiores cerca de 90% de um universo estimado de 1.428 empresas, das quais 455 são associadas à ABIC.

Esta concentração também ocorre no território nacional. São cerca de 300 empresas no estado de São Paulo, sendo 75% de microempresas. O estado de Minas Gerais, reconhecido como grande produtor com 26% torrefadoras nacionais, também se destaca pela quantidade de microempresas (Tabela 3).

**Tabela 3** - Número de empresas torrefadoras de café no Brasil segundo tipo de empresa por principais regiões em 2014 e 2015

Região	Empresas torrefadoras		Tipo de empresa		
	Número	% em relação ao Brasil	Número		% de cada tipo de empresa de acordo com o tamanho
BR*	1.428	x	64	microempresa	4%
			19	pequena empresa	1%
SP**	300	21%	75	microempresa	25%
			21	pequena empresa	7%
MG**	375	26%	92	microempresa	25%
			7	pequena empresa	2%

**Fonte:** *Elaboração própria com base nas informações da ABIC*

\* **Dados** 2015

\*\* **Dados** 2014

Com a modernização do circuito espacial de produção do café, principalmente pós década de 1950, foi possível diminuir a área necessária para o cultivo da mesma quantidade de árvores ao mesmo tempo em que foram ampliadas as áreas de abrangência do circuito de produção, da circulação e do consumo de café. Intensifica-se a produção, seja nas áreas com solos melhores para o cultivo dos pés ou nas áreas promissoras segundo os critérios econômicos de custo de mão-de-obra, localização das indústrias de beneficiamento, boas opções para armazenagem ou vendas externas, o que acaba por gerar hierarquia dos estados da federação produtores de café (ROLLO, 2009). Os dados do IBGE de 2016 mostram que o estado de Minas Gerais é responsável por 63% do valor da produção de café em grãos no Brasil, seguido por Espírito Santo (14%), São Paulo, (12%), Bahia (7%), Paraná e Rondônia (cada um com 2%).

O circuito espacial de produção de café no Brasil é um exemplo de circuito espacial de produção em que o território brasileiro é crescentemente regulado por grandes grupos econômicos internacionais, os agentes hegemônicos da economia uma vez que são estas empresas que atualmente definem os tipos de sementes e espécies de café a serem produzidas pelos cafeicultores, conferem assistência técnica e científica a produção e também interferem nas formas de colheita e transporte do café. Todas essas normas acabam por dotar o território brasileiro de maior fluidez e competitividade econômica, o que contribui para a possibilidade de crescente acumulação de capital por parte destes agentes (ROLLO, 2009).

As relações entre produção dos grãos, beneficiamento e comercialização são complexas. Caminha-se para a redução no número de empresas que compõem o circuito espacial da produção do café, com participação expressiva do capital estrangeiro sobre as decisões de produção marcadas pela presença das sedes de grandes grupos econômicos em solo europeu.

A partir do final da década de 1980, a ascendência da regulação corporativa altera as relações de poder entre dois importantes agentes, o Estado com participação decrescente, e as empresas torrefadoras, que se tornam cada vez maiores e em menor número ampliando sua escala geográfica de ação (FREDERICO, 2014). As maiores empresas do setor em atividade no Brasil são Nestlé e Jacobs Douwe Egberts (JDE). Esta última é resultado da fusão entre a norte-americana Mondelez e a holandesa Douwe Egberts Master Blenders (DEMB) em 2014 firmando-se no mercado brasileiro com as marcas Pilão, Pilão Senseo, Café do Ponto e Caboclo. Neste mesmo ano, a ABIC apurou redução de 9,0% no número de empresas no Brasil. Conforme mostra a Tabela 4, grande parte das fábricas está em São Paulo, Minas Gerais e Paraná, enquanto que no Espírito Santo o destaque se deve a produção do café em grão.



**Tabela 4** - Principais indústrias de Torrefação e Moagem de Café no Brasil ordenadas segundo a Unidade da Federação de sua unidade produtiva – 2016

	UF - Sede	Município - Sede da principal unidade produtiva	Ano que a empresa começa a industrializar o café
Santa Clara Participações LTDA	Ceará	Eusébio	1959
Moagem Serra Grande LTDA	Ceará	Sobral	1961
Café Export LTDA	Distrito Federal	Brasília	1984
Café do Sítio Indústria e Comércio LTDA	Distrito Federal	Brasília	1967
Real Café Solúvel do Brasil	Espírito Santo	Viana	1971
Café Meridiano Indústria e Comércio de Café	Espírito Santo	Colatina	Década de 1960
Café Rancheiro Agro Industrial LTDA	Goiás	Anápolis	1985
Produtos Alimentícios Ribamar Cunha	Maranhão	Imperatriz	1993
Café Três Corações	Minas Gerais	Santa Luzia	1961
Café Bom Dia	Minas Gerais	Varginha	1895
Toko Logística e Distribuição AS	Minas Gerais	Juiz de Fora	Década de 1920
Café Itau LTDA	Minas Gerais	Perdões	1986
Icatril Indústria de Café do Triângulo LTDA	Minas Gerais	Uberlândia	1972
Sociedade Mogyana Exportadora LTDA	Minas Gerais	Piumhi	1944
São Braz S/A Indústria e Comércio de Alimentos	Paraíba	Cabedelo	1951
Companhia Cacique de Café Solúvel	Paraná	Londrina	1959
Café Cocamar	Paraná	Maringa	Década de 1990
Café Odebrecht	Paraná	Londrina	1956
Café Lontrinha LTDA	Paraná	Ponta Grossa	1958
Moinho Petinho Indústria e Comércio LTDA	Pernambuco	Recife	1966
Café Favorito	Rio de Janeiro	Volta Redonda	1946
Lavazza (antiga Café Grão Nobre)	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	2008
Cia Capital de Produtos Alimentícios	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	1943
Melitta do Brasil Indústria e Comércio Ltda	São Paulo	Avaré (sede adm na capital)	1980
Comercial Indústria Branco Peres de Café Ltda	São Paulo	Adamantina	1957



	UF - Sede	Município - Sede da principal unidade produtiva	Ano que a empresa começa a industrializar o café
Jacobs Douwe Egberts	São Paulo	Barueri	Grupo estrangeiro fundado em 1753. Atua no Brasil desde 2012 como Douwe Egberts e desde 2014 como Jacobs Douwe Egberts
Café Utam S.A	São Paulo	Ribeirão Preto	1975
Café Jaguari	São Paulo	Ourinhos	1970
Café Pacaembu Ltda	São Paulo	Vargem Grande do Sul	1957
Nha Benta Indústria de Alimentos Ltda	São Paulo	São Bernardo do Campo	1973
Jardim Industria e Comércio S.A	São Paulo	São Paulo	2005
Torrefações Noivacolinsenses Ltda	São Paulo	Piracicaba	1930
Café Canecão	São Paulo	Campinas	1962
Catuay do Brasil Ind e Com de Café Ltda	São Paulo	Araçatuba	1959
Camilo Alimentos Ltda	São Paulo	Barretos	1933
Café Caiçara Ltda	São Paulo	Jundiaí	1950
COCAM - Cia de cafés solúvel e derivados	São Paulo	Catanduva	1960
Indústria Alimentícia Maratá Ltda	Sergipe	Itaporanga D'Ajuda	1984

**Fonte:** ABIC - Associação Brasileira da Indústria de Torrefação e Moagem de Café

Segundo Rollo (2009), a periodização mais expressiva da modernização do circuito espacial de produção do café no Brasil se dá em dois subperíodos: o primeiro, da década de 1950 até fins da década de 1980, quando o Estado brasileiro foi o grande agente modernizador e regulador do circuito; e o segundo, iniciado em fins da década de 1980, quando o Estado transfere o poder de regulamentação do mercado cafeeiro para as empresas. Em anos mais recentes, a configuração do circuito espacial de produção se transforma conforme avança a produção do café industrializado brasileiro sob o controle de grandes grupos de capital internacional.

Parcela expressiva das maiores indústrias em atividade foi fundada antes dos anos 1970. Algumas iniciaram suas atividades com a comercialização do produto e numa etapa seguinte passaram a industrializá-lo, é o caso do Café Santa Clara e do Café Capital. Atualmente, lideram o mercado de café brasileiro JDE, Santa Clara e Melitta.

O grupo holandês conhecido como JDE está entre os maiores produtores de café torrado e moído do Brasil. Sua trajetória na produção nacional inicia-se quando a americana Sara Lee Corporation compra a Consolidated Foods em 1985. A D.E Master Blenders pertencia a Consolidated Foods, por conseguinte, passou a ser subsidiária da Sara Lee Corporation. Em 2010, a Sara Lee, dona das marcas Pilão, Café do Ponto e Seletto, adquire o grupo Café Damasco, proprietário das marcas Maracanã (PR), Negresco (PR) e Pacheco (RS). Mas, em 2012, a Sara Lee é extinta e o Grupo holandês Douwe Egberts Master Blenders torna-se um dos sucessores da nova empresa, e em 2014 Douwe Egberts Master Blenders une-se à Mondelez formando a JDE sob a condição de deter 51% da nova companhia.

O grupo Santa Clara Participações Ltda surge em 2005, quando a Santa Clara (fundada em 1959) une-se a israelense Strauss-Elite, proprietária da empresa Três Corações, a marca líder de venda em Minas Gerais. Além de produzir café torrado e moído, a Santa Clara também exporta café verde, cerca de três milhões de sacas por ano, sendo um de seus clientes a Starbucks. A Melitta inicia suas operações no Brasil com a venda de filtros de papel no final dos anos 1960, duas décadas depois, diversifica suas atividades e inicia processo de torra e moagem dos grãos de café.

O Grupo Tristão é composto basicamente por duas empresas. A Tristão Companhia de Comércio Exterior é especializado em separar, lavar e peneirar os grão de café para depois compor algumas misturas ou *blendse* despachá-los para torra e moagem no exterior. O produto exportado já é considerado café beneficiado. A Real Café solúvel produz para o mercado nacional café solúvel, óleo de café e café torrado e moído envasado e depois rotulado com a marca do cliente. Nas duas situações a comercialização se dá empresa para empresa, mas também há a possibilidade da comercialização ser feita entre empresa e consumidor final, neste caso a Real Café utiliza a marca Cafuso.



No que se refere à produção de café solúvel, o Brasil se destaca como líder no mercado mundial. A maior produtora é a Nestlé com fábrica em Araras/SP desde 1953, diversificando seus negócios no país em 2015 com a inauguração de uma fábrica de cafés em cápsulas bastante integrada com a fábrica que produz leite condensado localizada no mesmo terreno em Montes Claros/MG<sup>3</sup>. A Cia Iguaçu é outra empresa que se dedica a produção expressiva de café solúvel no município de Cornélio Procópio/PR desde 1967 comercializando seus produtos para mais de 30 países nos 5 continentes.

Constata-se, portanto, que os principais agentes que determinam a produção do café industrializado no Brasil são de capital europeu, agindo de acordo com a formação de preços do café em grão que também são determinados no mercado internacional.

### ATIVIDADES ECONÔMICAS DESEMPENHADAS NO CIRCUITO ESPACIAL DE PRODUÇÃO DO CAFÉ

As empresas responsáveis pelo processo de industrialização produzem a partir do grão do café verde o café beneficiado que inclui desde o café torrado e moído, descafeinado, solúvel até as misturas para cappuccino obedecendo a Classificação Nacional de Atividade Econômica especificada na Tabela 5. Todo o café descafeinado disponível no mercado brasileiro, ou seja, com teor máximo de 0,1% de cafeína nos grãos, é obtido com o uso de solventes químicos, em que a extração da cafeína é realizada nos grãos crus inteiros, antes do processo de torrefação (TEIXEIRA, 2012).

**Tabela 5** - Descrições das atividades vinculadas à produção industrial de café segundo a Classificação Nacional de Atividade Econômica vigente

	Código	Descrição
Seção	C	Indústria de transformação
Divisão	10	Fabricação de produtos alimentícios
Grupo	108	Torrefação e moagem de café
Classe	1081-3	<b>Torrefação e moagem de café</b>
		Café; beneficiamento de (não associado ao cultivo)
		Café descafeinado; produção de
		Café torrado e moído, aromatizado (mesmo descafeinado); produção de
		Café torrado e moído; produção de
		Café; moagem de
		Café; torrefação de
		Café; torrefação e moagem de
	1082-1	<b>Fabricação de produtos à base de café</b>
		Café com leite em mistura solúvel; fabricação de

<sup>3</sup> Estima-se que 90% da água utilizada na produção das cápsulas são obtidos na fase de processamento do leite na fábrica de leite condensado e que tanto a caldeira para a geração de vapor que utiliza biomassa quanto o transporte de produtos sejam compartilhados.

Código	Descrição
	Café solúvel; produção de
	Chicória torrada e outros sucedâneos torrados do café; produção de
	Extratos, essências e concentrados de café; produção de
	Preparações a base de essências ou extratos de café (cappuccino); produção de
	Sucedâneos do café, contendo café; produção de

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Os primeiros procedimentos para a industrialização do produto consistem na limpeza, secagem e seleção de grãos. Para a atividade Torrefação e Moagem de Café, escolhe-se a mistura de grãos arábica e conilon que determinará sabor, aroma e custo do produto. Esta fase é a da composição do *Blend* do café. O café já misturado para a formação do *Blend* é aquecido até o ponto de torra, depois pode ser armazenado em silos, a granel, ou em sacos de juta. O peso do grão de café se reduz em 15 a 20% durante o processo de torração. Os grãos são triturados apenas com a perspectiva de venda do produto para que o café já torrado não perca grande parte de suas propriedades por isso há pouco estoque de café beneficiado. Por fim, a indústria empacota o café por processo a vácuo em embalagens de polietileno, ou polipropileno bi-orientado e os acondicionada em caixas de papelão contendo em média 10 quilos cada. Os cafés vendidos em cápsulas também estão incluídos nesses grupamentos de atividade. Para o café solúvel, o processo de produção continua com extração, tratamento do extrato, recuperação do aroma, concentração, secagem e processo avançado de desidratação.

Para a fabricação de produtos a base de café, há diversos ingredientes que entram na composição dos produtos, de tal forma que a participação do café, normalmente solúvel, é pequena. No caso dos cappuccinos, item principal deste grupo, há também açúcar, leite em pó, soro de leite em pó, leite em pó desnatado, cacau em pó. Apesar do expressivo volume de produção das preparações a base de café, o valor da produção é bem mais significativo para os cafés torrados e moídos por conta do preço dos produtos no mercado predominantemente interno.

### **CULTIVADORES E PRODUTORES INDUSTRIAIS DE CAFÉ COMO AGENTES TRANSFORMADORES DO TERRITÓRIO BRASILEIRO**

A ligação entre as indústrias de café e os produtores rurais é muitas vezes feita por empresas especializadas, que também fazem o transporte da mercadoria. Entre as maiores empresas está a Nicchio Café S.A. Exportação e Importação, fundada em 1979 tendo como

fornecedores produtores rurais e empresas nos estados do Espírito Santo, Minas Gerais, Bahia e Rondônia, e como clientes diversas empresas de torrefação do Brasil. A empresa também exporta pelos portos de Vitória (ES) e Rio de Janeiro (RJ) para Europa, Estados Unidos e Oriente Médio.

Para atender a produção de cafés beneficiados e as exportações, são produzidos basicamente dois tipos de café no Brasil. O café arábica (de melhor qualidade) e o conilon (espécie *Chanephora*), o primeiro é marcado pela bienalidade, isto é, ano de safras maiores intercalados por anos de safras menores fenômeno que vem diminuindo sua expressividade nos anos recentes, principalmente quando se observa os dados captados pela CONAB. São justamente os anos de safras menores que apresentam maiores diferenças de estimativas de produção entre as fontes CONAB e IBGE. As maiores safras ocorrem quando os grãos se desenvolvem mais em substituição as folhas, neste caso há bastante desgaste da planta, por isso na safra seguinte a produção é menor.

A produção de um cafezal inicia a partir de 2,5 anos após o plantio, o crescimento se dá até o 7º ano, quando começa o processo de bienalidade até aproximadamente o 20º ano da planta. Os cafezais demandaram cerca de 6% de toda a produção nacional de fertilizantes em 2010 segundo a Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda)<sup>4</sup>. Este percentual tem diminuído já que em 2006 era de 7,6 %. Brasil permanece como quarto maior mercado consumidor de fertilizantes do mundo, sendo superado apenas pela China, Índia e Estados Unidos. Três grandes empresas destacam-se na produção de fertilizantes e na venda destes produtos já misturados para o consumidor final: a norte-americana Mosaic, a norueguesa Yara e a holandesa Bunge. Estas três empresas dominam 57% das vendas para o consumidor (ROLLO, 2009).

A demanda por mudas tem grande variação sendo influenciada pelos preços dos produtos no mercado futuro e pelo período que pode ser de maior renovação ou apenas de manutenção do cafezal. Segundo o Instituto de Economia Agrícola (IEA), normalmente são produzidas de 6 milhões a 8 milhões de mudas anuais na região da Alta Mogiana, mas para o plantio no início de 2012 houve uma demanda por 25 milhões de mudas. O Conselho Nacional do Café (CNC) estimou que metade das encomendas de mudas para plantio em 2012 já estavam comprometidas em 2011.

<sup>4</sup> Fonte: [http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/cnhcimento/livro60anos\\_perspectivas\\_setoriais/Setorial60anos\\_VOL2Quimica.pdf](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/cnhcimento/livro60anos_perspectivas_setoriais/Setorial60anos_VOL2Quimica.pdf). Página 36.



Desde o preparo do solo até a colheita são utilizados tratores, colheitadeiras, implementos agrícolas (plantadeiras, arado, grades, roçadeiras, etc.), ferramentas motorizadas portáteis (roçadeiras, moto-serras, etc.) e as máquinas específicas para a cafeicultura, vinculadas à pós-colheita do café (máquinas de recebimento, lavagem, despulpamento, secagem, armazenagem e benefício de café). O mercado mundial e brasileiro de tratores e colheitadeiras é dominado por três grandes grupos empresariais: Deere & Co., CNH Global N.V. e AGCO. O setor de produção de máquinas agrícolas passou por grande reestruturação a partir da década de 1990 com mudança da divisão territorial do trabalho e nova hierarquia entre os estados brasileiros produtores de máquinas agrícolas. O estado de São Paulo deixa de ser o maior produtor nacional, Rio Grande do Sul e Paraná ganham participação. No caso do Paraná, cuja produção era insignificante, chega a contribuir com quase 22% da produção nacional em 2007 (ROLLO, 2009).

O café conilon tem desenvolvimento inicial mais lento, sendo normalmente cultivado em áreas de até 800m de altitude em lavouras mais resistentes a doenças e deficiências hídricas, é quase duas vezes mais produtivo que o café arábica e sofre menos com bienalidade, porém é menos aromático e menos encorpado, por isso de menor qualidade o que faz com que seu preço seja quase sempre metade do primeiro. Estas características do grão e preço contribuem para que o café conilon seja uma matéria-prima para a indústria, destaque para o café solúvel.

As informações regionalizadas de produção são captadas por duas fontes oficiais: CONAB e IBGE. Os dados do IBGE (presentes na Tabela 2) se referem ao ano civil, se restringem à quantidade produzida e valor da produção por unidade da federação. A CONAB disponibiliza informações de Área em Produção, Área em Formação, Produção (Tabela 2) e Produtividade para o café em grão por safra, separado por tipo de café (arábica ou conilon) e por Região brasileira especificados na Tabela 6.

**Tabela 6** - Participação dos estados brasileiros na produção do café em grão no Brasil por tipo de café - Safra 2013/2014

Produção de café por tipo	Participação dos estados brasileiros (%)									
	Brasil	Minas Gerais	Espírito Santo	São Paulo	Bahia	Paraná	Rondônia	Rio de Janeiro	Outros	
Produção de Café Arábica	100	71,5	9,1	10,5	2,8	4,3	x	0,7	1,1	
Produção de Café Conilon	100	2,6	75,6	x	6,7	x	12,5	x	2,6	
Produção de Café - Total	100	56,3	23,8	8,2	3,7	3,4	2,8	0,6	1,2	

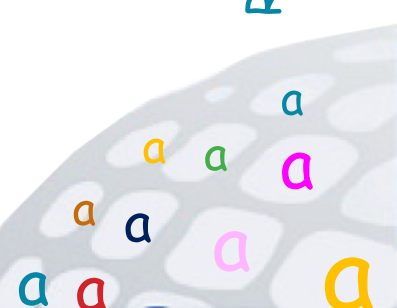
**Fonte:** Companhia Nacional de Abastecimento – Conab

**Nota:** "x" corresponde a participações não especificadas

Os dados mostram que o estado de Minas Gerais é responsável por mais da metade da produção nacional do grão, sendo que 500 dos 853 municípios mineiros cultivam café.

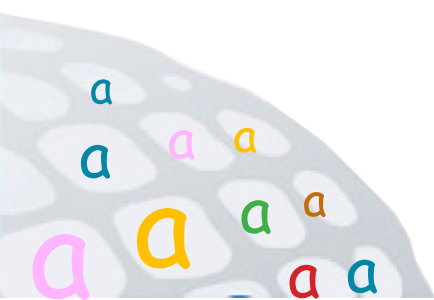
Ao contrário de diversas commodities agrícolas, o café possui diferenças marcantes quanto: a forma de combinação dos diversos agentes em cada área de cultivo, a espécie cultivada, ao sistema produtivo (convencional, orgânico, sombreado), à qualidade do produto (gourmet, exportação ou indústria nacional) e às certificações existentes (boas práticas ambientais e comércio justo). As semelhanças ficam por conta das paisagens quase uniformes proporcionadas pelos cafezais (FREDERICO, 2014).

Os dados do último Censo Agropecuário do IBGE de 2006 permitem identificar a condição dos produtores e o tamanho das propriedades. Na Tabela 7 é possível verificar que o destaque do número de estabelecimentos fica por conta dos pequenos proprietários e dos parceiros, tanto para a produção do café arábica quanto do conilon.



**Tabela 7-** Número de estabelecimentos, Quantidade produzida e Valor da produção das plantações de café nos estabelecimentos agropecuários com mais de 50 pés segundo a condição do produtor em relação às terras e os grupos de área colhida para o Brasil em 2006

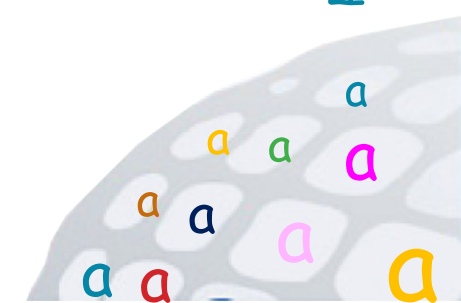
Produtos da lavoura permanente	Condição do produtor	Grupos de área colhida	Variável		
			Número de estabelecimentos agropecuários com mais de 50 pés existentes em 31/12 (Unidades)	Quantidade produzida nos estabelecimentos agropecuários com mais de 50 pés existentes em 31/12 (Toneladas)	Valor da produção dos estabelecimentos agropecuários com mais de 50 pés existentes em 31/12 (Mil Reais)
Café arábica em grão (verde)	Proprietário	<b>Maior de 0 a menos de 1 ha</b>	30.996	39.607	106.204
		De 1 a menos de 2 ha	28.068	59.889	182.761
		De 2 a menos de 5 ha	53.493	227.265	747.597
		De 5 a menos de 10 ha	22.400	204.379	855.868
		De 10 a menos de 20 ha	12.380	219.484	847.670
		De 20 a menos de 50 ha	7.443	326.145	1.390.160
		De 500 ha e mais	45	64.142	247.375
	Parceiro	<b>Maior de 0 a menos de 1 ha</b>	1.998	2.581	6.917
		De 1 a menos de 2 ha	2.401	4.330	12.031
		De 2 a menos de 5 ha	3.989	13.755	39.566
		De 5 a menos de 10 ha	1.062	8.513	26.160
		De 10 a menos de 20 ha	330	5.213	14.654
		De 20 a menos de 50 ha	110	3.264	9.831
		De 500 ha e mais	1	X	X



Produtos da lavoura permanente	Condição do produtor	Grupos de área colhida	Variável		
			Número de estabelecimentos agropecuários com mais de 50 pés existentes em 31/12 (Unidades)	Quantidade produzida nos estabelecimentos agropecuários com mais de 50 pés existentes em 31/12 (Toneladas)	Valor da produção dos estabelecimentos agropecuários com mais de 50 pés existentes em 31/12 (Mil Reais)
Café canephora (robusta, conilon) em grão (verde)	Proprietário	<b>Maior de 0 a menos de 1 ha</b>	8.957	15.610	31.821
		De 1 a menos de 2 ha	10.689	25.806	58.888
		De 2 a menos de 5 ha	28.430	96.592	226.628
		De 5 a menos de 10 ha	11.536	82.125	215.579
		De 10 a menos de 20 ha	5.068	72.808	197.496
		De 20 a menos de 50 ha	2.031	69.553	191.768
		De 500 ha e mais	6	14.303	45.044
	Parceiro	<b>Maior de 0 a menos de 1 ha</b>	301	632	1.598
		De 1 a menos de 2 ha	484	1.161	2.381
		De 2 a menos de 5 ha	1.507	5.018	10.848
		De 5 a menos de 10 ha	465	3.339	7.178
		De 10 a menos de 20 ha	136	2.211	4.206
		De 20 a menos de 50 ha	42	1.290	3.015
		De 500 ha e mais	-	-	-

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário

Nota: "x" corresponde aos dados das Unidades Territoriais com menos de 3 (três) informantes



Os dados mostram que são os proprietários com plantações de 20 a menos de 50 hectares que mais contribuem para o valor da produção do café arábica do Brasil. Para o café robusta, contribuem mais para o valor de produção os proprietários que cultivam áreas ainda menores, o destaque fica para produtores de 2 a menos de 10 hectares.

Segundo relatório do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), a produção mundial de café totalizou 125,6 milhões de sacas em 2009, queda de 7% ante o resultado do ano anterior. O consumo mundial passou de 128,6 milhões de sacas, em 2008, para 131,4 milhões de sacas, em 2009, incremento de 2,8 milhões de sacas. A demanda esteve maior do que a oferta, o que resultou em um déficit mundial de cerca de 3 milhões de sacas e a redução de 15% dos estoques finais.

As comparações dos dados dos produtos exportados com a produção nacional, importação e consumo interno mostram que a parcela dos produtos estocados varia bastante. Em relação a outros produtos alimentícios, o café e seus derivados costumam ser menos perecíveis, o que viabiliza grandes variações de estoques. A armazenagem do café pode ser do grão verde (maior parte) ou do produto após passar pelas etapas iniciais do beneficiamento, isto é, limpeza, secagem e seleção de grãos do café, um procedimento bastante comum. Empresas como a Comercial Indústria Branco Peres de Café Ltda armazenam produção própria e de terceiros.

Em 2016, constatou-se que o café em grão armazenado por 121 dias depois de certificado pela bolsa de futuros de Nova York, a ICE Futures U.S., perde meio centavo de dólar por libra-peso (equivalente a 0,454Kg) de seu preço. Após três anos de estoque, o valor do produto estocado por três anos cai US\$ 0,35 por libra. Os valores se reduzem até que, após nove anos de estoque, o valor do produto aproxima-se de zero. Segundo dados da bolsa ICE, no fim de maio de 2016, 18% dos grãos certificados por ela foram de café com mais de três anos de idade, ante 11% em maio de 2013. Várias torrefadoras de café informam que não compram grãos com mais de um ano de idade porque eles perdem o sabor. Segundo industriais do setor, os grãos mais velhos de arábica são direcionados para torrefadoras de café a granel e de café instantâneo, e também para empresas que fornecem café a organizações, como hotéis e escolas e a máquinas automáticas.

Outros fatores influenciam os preços do café em grão no mercado internacional. O ano de 2009, por exemplo, foi marcado pela visibilidade da crise financeira global. As cotações internacionais do café na Bolsa de Nova York registraram queda de 5,2% em relação à média do ano anterior, conseqüentemente houve queda do Valor Bruto da Produção do café brasileiro de 13,4% no período segundo dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.



Em 2010, a quebra das safras de café na Colômbia e na América Central contribuiu para que o preço médio do café brasileiro no mercado internacional atingisse o nível mais elevado da última década. Neste ano, o segmento gourmet atingiu aproximadamente 4% do mercado, ou 800 mil sacas, com uma participação entre 6% a 7% da receita brasileira de café torrado.

Em 2012, os preços do café seguiram em ascensão, consequência da demanda crescente e da redução dos estoques nos países produtores. Adicionalmente, houve mudança no modelo de tributação do circuito espacial de produção do café: a alíquota de 9,25% do PIS/Cofins passou a ser cobrada apenas sobre a indústria torrefadora, colocando os atravessadores de cafés em grãos em condição de igualdade com os agricultores perante a isenção do tributo. Os produtores de café ganharam um incentivo para exportar grãos industrializados com o aumento dos tributos a serem devolvidos às empresas que exportam o grão torrado de 35% para 80% do valor da venda. Em contrapartida, o crédito presumido para a venda de café verde ao exterior caiu de 35% para 10%. Face ao consumo em ascensão, os estímulos fiscais para ampliar as exportações do café beneficiado não surtiram os efeitos desejados (Tabela 2).

Em 2013/2014 é colhida a maior safra do ciclo de baixa bienalidade do Brasil, ênfase para o café arábica, justamente o que mais sofre com o fenômeno, a tal ponto que o café arábica atingiu 75% da produção de café nacional. Estiagem, secas e altas temperaturas em importantes estados produtores em 2014 marcam a pior colheita em anos de alta produção da cafeicultura brasileira. De janeiro a dezembro os preços do café torrado no varejo aumentam 9,7% (R\$ 13,88/kg em média) enquanto que para os cafés Gourmet há aumento de 12,4% (R\$ 48,00/kg). O mercado do café é considerado integrado espacialmente, justamente porque os preços determinado em Minas Gerais afetam o preço determinado em São Paulo ou em outro local, ainda que cada um tenha seu próprio preço.

Em conjunto com a queda na colheita e aumento dos preços, há redução de 9% no número de empresas do setor, dando continuidade ao processo de redução do número de produtores, atingindo 1.299 empresas em final de 2014 segundo a ABIC.

Neste contexto, o sistema financeiro participa de cada etapa de produção do café através dos diversos agentes que compõem todo o circuito espacial. O Fundo de Defesa da Economia Cafeeira – FUNCAFÉ participando financiamento de custeio, colheita, estocagem e compra do café. Os principais agentes são um banco comercial público (Banco do Brasil), um banco público de desenvolvimento (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES) e um banco comercial privado (Banco Cooperativo do Brasil - Bancoob).

Estas instituições também viabilizam as pesquisas que procuram desenvolver uma série de novos produtos químicos para suprir as deficiências do solo, prevenir as doenças do cafeeiro, combater as pragas que atacam as plantações de café, além de produzir nos laboratórios sementes mais produtivas. Além dos avanços de biotecnologia, há pesquisas dedicadas ao desenvolvimento de máquinas para colher, irrigar o solo entre outras atividades que visam ao maior rendimento de café por hectare.

Em 2007, o FUNCAFÉ destinou R\$11,917 milhões a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) que é responsável por executar o Programa Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento do Café – PNP&D/Café. Ainda na área de Pesquisa & Desenvolvimento, o PNP&D/Café e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) promoveram o projeto Genoma do Café em 2002 com verba total de R\$4 milhões. O projeto tem como principal objetivo a criação de um banco de genes do café arábica para que seja possível controlar o florescimento dos pés de café ou ainda fazer com que a manutenção dos frutos ocorra de forma uniforme. Além disso, pretende-se obter um menor custo com a utilização de defensivos, aumento da produtividade e produção de cafés com características específicas (ROLLO, 2009).

Cafés específicos são úteis para abastecer uma indústria em franco crescimento no Brasil, a indústria de produção de cafés em cápsulas, que normalmente utiliza café de diferentes origens e aromas na sua composição. A produção que era de 6 mil toneladas em 2014 chega a aproximadamente 10 mil toneladas em 2016 segundo ABIC. A necessidade de consumir um produto diferenciado é sugerido pelos produtores industriais a fim de ampliar as vendas e obter maior ganho per capita. Desta forma, o circuito espacial de produção do café se mantém e seguem em crescente internacionalização, por enquanto ainda concentrada em poucos países produtores e consumidores e dependente de apoio por parte do sistema financeiro via crédito ou dos governos locais através de programas específicos ou subsídios.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

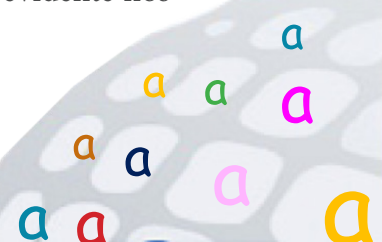
O cultivo de café no Brasil destaca-se como principal atividade econômica no início do século XX. Capaz de gerar riqueza suficiente para impulsionar a indústria nacional, seu cultivo foi estimulado pelo Estado por muitos anos, principalmente através da interferência nos mercados com a política de preços mínimos. A evolução da cultura se deu via expansão das áreas produtoras e/ou aumentando a produtividade dependendo do momento histórico e conforme evoluía o interesse dos compradores internacionais.

Sempre caracterizado pela marcante internacionalização, o circuito espacial de produção do café no Brasil vêm se destacando pela crescente participação dos agentes externos neste processo. A fabricação do café torrado é dominado por poucos grupos, o holandês JDE, a Santa Clara Participações (vinculada à empresa israelense), a Melitta (representação alemã no Brasil) e na atividade de café solúvel a Nestlé (representação suíça no Brasil). Na área de cultivo dos grãos, destacam-se os estados de Minas Gerais e São Paulo para a produção do café de melhor qualidade e Espírito Santo no cultivo do café Conilon. Os dois tipos de café têm mercados distintos de negociações de preço, sendo que predominam as negociações feitas em Nova York. Os fertilizantes utilizados na lavoura também são importados, bem como parte das colheitadeiras e maquinário industrial.

Os agentes internos são inseridos no circuito espacial de produção através do fornecimento da mão-de-obra e da demanda pelo produto industrializado. Parte da mão-de-obra utilizada tem como vínculo contrato de trabalho temporário e trabalha normalmente para pequenos e médios produtores na fase de colheita dos grãos. Os agentes externos, predominantemente grandes empresas, participam do circuito espacial de produção via comercialização e gerenciamento da atividade produtiva. Condiz com o pensamento de Santos [1979] (2007) de que o desenvolvimento das forças produtivas induz a desigualdade regional crescentemente especulativa e cada vez mais dissocia da das aptidões naturais do território. Isso foi possível porque as pesquisas tecnológicas aperfeiçoaram os fertilizantes utilizados, os produtos para combater pragas nas plantações, as mudas, de tal maneira que ao longo do tempo um novo conjunto técnico foi sendo formado permitindo ao capital externo depender menos das condições naturais e caminhar para o comando das decisões dentro do circuito espacial de produção do café.

Os recursos sociais também tendem a se concentrar em certos locais onde a produtividade do capital pode ser maior, principalmente onde os salários são mais baixos. Conseqüentemente há concentração cumulativa de investimentos e de população nas mesmas cidades. A tendência à especialização agrícola é acompanhada pela divisão social do trabalho e pela concentração econômica espacial. Ao mesmo tempo em que algumas áreas são destinadas à produção de grãos de tipo específico, ocorre a dispersão territorial das etapas produtivas amparada pela sua maior integração funcional e de comando, condizente com o fenômeno identificado por Samuel Frederico (2014).

O estudo mostrou que atualmente a agricultura se realiza de forma globalizada, a produção permanece vinculada ao território nacional, tanto o cultivo (ênfase a Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Paraná) como a industrialização (principalmente Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro), mas a internacionalização fica evidente nos



momentos de circulação, consumo e no que diz respeito aos centros de decisão, aspectos coerentes com a observação feita por Denise Elias sob a produção agrícola brasileira em sua tese em 1996. Um processo em curso, cuja etapa mais recente caracteriza-se pela redução do número de produtores industriais e consolidação de grandes grupos econômicos, bem como intensificação do comércio internacional com revenda do café brasileiro entre alguns países e possibilidade de aumento das compras do produto estrangeiro no Brasil.

## BIBLIOGRAFIA

1. ARROYO, Mónica. **A economia invisível dos pequenos**. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=283>> Acesso em: agosto de 2016.
2. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE CAFÉ – ABIC. Disponível em:
3. <http://www.abic.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=483&sid=29>. Acesso em: março de 2016.
4. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE CAFÉ – ABIC. Disponível em: <http://m.cafepoint.com.br/radares-tecnicos/certificacao-e-qualidade/mercado-para-cafe-certificado-parte-i-40143n.aspx> Acesso em: abril de 2016.
5. CONSELHO DOS EXPORTADORES DE CAFÉ NO BRASIL – CeCafé. Disponível em: <http://www.cecafe.com.br/>. Acesso: abril de 2016.
6. COOPERATIVA AGRÁRIA DOS CAFEICULTORES DE SÃO GABRIEL – Coaabriel. Disponível em: <http://revistagloborural.globo.com/Noticias/Agricultura/Cafe/noticia/2014/12/quem-ganha-e-quem-perde-com-importacao-de-cafe-verde.html>. Acesso em: setembro de 2016.
7. COOPERATIVA REGIONAL DE CAFEICULTORES EM GUAXUPÉ LTDA - Cooxupé. Disponível em <http://revistacafeicultura.com.br/?mat=17362> e <http://revistagloborural.globo.com/Noticias/Agricultura/Cafe/noticia/2015/12/cooxupe-lidera-exportacao-em-2015-de-cafe-com-46-milhoes-de-sacas-cafe.html>. Acesso em: outubro de 2016.
8. DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO BRADESCO – DEPEC Bradesco. Disponível em: <[https://www.economiaemdia.com.br/EconomiaEmDia/pdf/AGRO\\_ANALISE\\_22\\_02\\_15v2.pdf](https://www.economiaemdia.com.br/EconomiaEmDia/pdf/AGRO_ANALISE_22_02_15v2.pdf)> Acesso em: maio de 2016.
9. DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO BRADESCO- DEPEC Bradesco. Disponível em: <[https://www.economiaemdia.com.br/EconomiaEmDia/pdf/infset\\_cafe.pdf](https://www.economiaemdia.com.br/EconomiaEmDia/pdf/infset_cafe.pdf)> Acesso em: janeiro de 2017.
10. FREDERICO, Samuel. **Circuito espacial produtivo do café e o jogo de escalas**. Mercator, Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 37-48, jan./abr. 2014.
11. FUNDO DE DEFESA DA ECONOMIA CAFEÍREIRA - FUNCAFÉ. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/politica-agricola/cafe/funcafe>>. Acesso em: julho de 2016.

12. MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR– MDIC. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/>> e <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/vaivem/2016/01/1728836-brasil-perde-espaco-nas-exportacoes-de-cafe-torrado.shtml>. Acesso em: julho de 2016. Nestlé S.A. Disponível em: <<https://www.cafepoint.com.br/noticias/politica/Nestlé-pede-importacao-de-cafe-verde-da-etioopia-no-brasil-98032n.aspx>>e <[http://corporativo.Nestlé.com.br/media/pressreleases/inauguracao-da-fabrica-de-capsulas-nescafe-dolce-gusto-em-montes-claros-\(mg\)-inicia-celebracao-dos-150-anos-da-Nestlé](http://corporativo.Nestlé.com.br/media/pressreleases/inauguracao-da-fabrica-de-capsulas-nescafe-dolce-gusto-em-montes-claros-(mg)-inicia-celebracao-dos-150-anos-da-Nestlé)>.. Acesso em setembro de 2016. Nicchio Café S.A . Exportação e Importação. Disponível em: <<http://www.nicchio.com.br/pt/logistica.html>>. Acesso em abril de 2016.
13. ROLLO, Marco Aurélio Pereira. **As novas dinâmicas do território brasileiro no período técnico-científico-internacional: o circuito espacial de produção do café e o respectivo círculo de cooperação no sul de minas**. Dissertação de Mestrado. Unespe-Rio Claro. 2009
14. ROLLO, Marco Aurélio Pereira &KAHIL, Samira Peduti. **Verticalidades no território brasileiro: uma análise a partir das ações da Cooxupé no circuito espacial de produção do café**. Caminhos de Geografia Uberlândia, v. 10, n. 32, 2009 p. 245 – 253.
15. SANTOS, Milton (1979). **Economia Espacial: Críticas e Alternativas**. 2ª edição, 1ª reimpressão, São Paulo/SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.
16. SANTOS, Milton (1988). **Metamorfose do Espaço Habitado**. 6ª Edição, 1ª reimpressão, São Paulo/SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
17. TEIXEIRA, Alexsandro Lara et al. **Avaliação do teor de cafeína em folhas e grãos de acessos de café arábica**. Rev. Ciênc. Agron., Fortaleza, v. 43, n. 1, p. 129-137, Mar. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1806-66902012000100016&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1806-66902012000100016&script=sci_arttext)>. Acesso em dezembro de 2016.
18. UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE – USDA. Disponível em:[https://gain.fas.usda.gov/Recent%20GAIN%20Publications/Coffee%20Semi-annual\\_Sao%20Paulo%20ATO\\_Brazil\\_11-16-2016.pdf](https://gain.fas.usda.gov/Recent%20GAIN%20Publications/Coffee%20Semi-annual_Sao%20Paulo%20ATO_Brazil_11-16-2016.pdf). Acesso em fevereiro de 2016.

ARTIGO RECEBIDO EM MARÇO DE 2017

ARTIGO APROVADO EM AGOSTO DE 2017